

MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT



* *
* MUSEU
* CASA DE
BENJAMIN
CONSTANT

ibram
Instituto Brasileiro de Museus

ENEIDA QUEIROZ
ELAINE DE SOUZA CARRILHO
MARCOS FELIPE DE BRUM LOPES

MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT

COLEÇÃO MUSEUS DO IBRAM

1ª EDIÇÃO

BRASÍLIA
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
2015

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Carlos Roberto F. Brandão

Chefe de Gabinete

Marcos Mantoan

Diretora do Departamento de Processos Museais

Manuelina Maria Duarte Cândido

Diretora do Departamento de Difusão, Fomento e Economia de Museus

Eneida Braga Rocha Lemos

Diretora do Departamento de Planejamento e Gestão Interna

Valeria Grilanda Rodrigues Paiva

Coordenadora Geral de Sistemas de Informação Museal

Rose Moreira de Miranda

Procuradora-Chefe

Eliana Alves de Almeida Sartori

MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT



* * *
* * MUSEU
* * CASA DE
BENJAMIN
CONSTANT

ibram
instituto brasileiro de museus

Coleção Museus do IBRAM

Projeto Editorial

Cláudia Storino

Supervisão Museológica

Mário Chagas

Coordenação Editorial

Álvaro Marins e Sandro dos Santos Gomes

Redação e Pesquisa Iconográfica

Eneida Queiroz, Elaine de Souza Carrilho e Marcos Felipe de Brum Lopes

Equipe Editorial

André Amud Botelho, Marijara Queiroz, Sandro dos Santos Gomes, Vitor Rogério Oliveira Rocha e Adriene do Socorro Chagas

Revisão

Njobs

Projeto Gráfico

Casa 8

Diagramação e Paginação

Isabela Borsani

Diretora do Museu Casa de Benjamin Constant

Elaine de Souza Carrilho (Museóloga)

Equipe técnica do Museu Casa de Benjamin Constant

Marcos Felipe de Brum Lopes (Técnico em Assuntos Culturais – História), Maria Alice Miller (Analista de Administração), Luís Vitoriano dos Santos (Chefe de Serviço), Mércia Correia Freire (Auxiliar em Restauração e Conservação), José Marcos Ferreira de Souza (Assistente Técnico), Edivaldo Coelho do Amaral (Auxiliar Institucional), Henrique Florêncio de Jesus Filho (Encarregado de Turma), João de Oliveira (Auxiliar de Preservação Ambiental), Gabriela M. dos Reis Correa (Estagiária/História), Murilo Jesus Haither de Souza (Estagiário/História), Ariana Costa dos Santos (Receptionista) e Paulo Cesar Ribeiro da Silva Junior (Receptionista).

Endereço

Instituto Brasileiro de Museus - Ibram
Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 08,
Bloco N, 13º andar - Brasília/DF
CEP: 70040-020

Telefone: + 55 (61) 3521-4420

www.museus.gov.br

159	Instituto Brasileiro de Museus. Museu Casa de Benjamin Constant / Eneida Queiroz, Elaine de Souza Carrilho, Marcos Felipe de Brum Lopes – Brasília, DF: Ibram, 2015. p. 80: il. ; 14 cm. – (Coleção Museus dos Ibram) ISBN: 978-85-63078-41-4
	1. Museus. 2. Museologia. 3. Benjamin Constant. I. Instituto Brasileiro de Museus. II. Museu Casa de Benjamin Constant. III. Eneida Queiroz. IV. Elaine de Souza Carrilho. V. Marcos Felipe de Brum Lopes. VI. Título.

Apresentação: Museu Casa de Benjamin Constant

O Instituto Brasileiro de Museus, autarquia do Ministério da Cultura, alegre-se em lançar o segundo volume da Coleção Museus do Ibram. Com seus primeiros seis anos de existência recém-completados, o instituto lança mais um meio de divulgação dos museus a ele diretamente vinculados. Assim, objetivamos que o grande público familiarize-se com as nossas unidades museológicas e também que esse conhecimento estimule ações voltadas para o estudo, a preservação, a valorização e a divulgação do patrimônio cultural sob a guarda dessas instituições.

Neste volume, apresentamos aos leitores o Museu Casa de Benjamin Constant. Localizada no bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro, essa bela casa de chácara difunde a história daquele que foi um importante personagem na história do país. Constant participou do processo político que levou ao fim do regime monárquico no Brasil, tendo sido chamado pela Constituição de 1891 de “o fundador da República”. Durante o Governo Provisório (1889-1891), ocupou os cargos de ministro da Guerra e de ministro da Instrução Pública. Ainda no Império, foi diretor do Instituto Imperial dos Meninos Cegos. Em sua homenagem, já na República, tal instituição foi renomeada, passando a se chamar Instituto Benjamin Constant.

No Museu Casa de Benjamin Constant, os séculos XIX e XX se encontram, assim como a Monarquia e a República. Ambientes, hábitos e costumes da época são reconstituídos, proporcionando ao visitante uma experiência sobre o contexto sociocultural então vivenciado. Aspectos importantes da biografia desse ilustre brasileiro podem ser conhecidos, seja por meio do rico acervo, seja por meio do vasto arquivo aberto ao público. É esse museu, imerso no universo de criação de símbolos nacionais próprio do período da Proclamação da República, que o Ibram tem o orgulho de apresentar nessa obra.

Carlos Roberto F. Brandão

Presidente do Ibram/MinC

PALAVRA DO MUSEU

Uma chácara urbana, no bucólico e aprazível bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, com uma bela vista da cidade em um espaço privilegiado pela natureza para desfrutar: esse foi o novo local de moradia que Benjamin Constant buscou para sua família logo após a proclamação do novo regime, a República, em novembro de 1889, movimento no qual teve participação capital. Afastado do cargo de diretor do Instituto Imperial dos Meninos Cegos para assumir a função de ministro da Guerra no Governo Provisório, a mudança profissional também o levou a buscar novos ares para viver.

No entanto, o Fundador da República permaneceria pouco mais que um ano no novo endereço. Após sua morte, em 1891 a casa foi comprada com o propósito de ser “convertida em um museu de documentos de toda a sorte relativos à vida e feitos do inclito cidadão”. Entretanto, a proposta da primeira Constituição republicana de 1891 somente se concretizaria no ano de 1982, com a abertura da casa ao público como museu-casa, recriando o contexto sociocultural e reproduzindo hábitos e costumes do final do século XIX.

O intervalo de quase 100 anos até a concretização da intenção de perpetuar a memória é emblemático para pensarmos como a história tem seu tempo e compasso próprios. E assim, quase um século depois, foi possível conhecer melhor a vida do matemático, engenheiro, professor e militar obstinado, que dedicou a maior parte de sua vida ao ofício de ensinar, abrangendo uma miríade de estudantes, a exemplo dos filhos do Imperador e pessoas com deficiência visual que passaram a aprender Matemática graças a uma adaptação feita no método Braille — inovação promovida pelo próprio Benjamin Constant.

Hoje, o museu casa da memória familiar de Benjamin assume a posição de museu casa da memória republicana, requalificando seu espaço museal por meio da dinâmica de suas ações, firmando e confirmando seu compromisso institucional como centro irradiador de conhecimento para a valorização do cidadão e da história do Brasil.

Elaine de Souza Carrilho

Diretora do Museu Casa de Benjamin Constant

SUMÁRIO

ABERTURA	13
BENJAMIN CONSTANT	15
— Benjamin Constant e o Positivismo	28
— Benjamin Constant e as Proclamações da República	32
— Batalha de símbolos	39
O MUSEU	47
— A casa e o parque	47
— Histórico do museu	52
— A missão do museu	57
— Exposição do museu	58
O ACERVO MUSEOLÓGICO	59
ARQUIVO HISTÓRICO E BIBLIOTECA	61
SERVIÇOS DO MUSEU	69
— Práticas educacionais e culturais	69
— Atendimento à pesquisa	71
VISITAÇÃO DO MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT	73
VISITE TAMBÉM	74
— O entorno do museu	74
— Lugares relacionados ao Benjamin Constant	74
ÚLTIMAS PALAVRAS	78
BIBLIOGRAFIA	79

“O Governo Federal adquirirá para a nação a casa em que faleceu o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães e nela mandará colocar uma lápide em homenagem à memória do grande patriota - o Fundador da Republica.”

(Artigo 8º das Disposições Transitórias da Constituição de 1891)





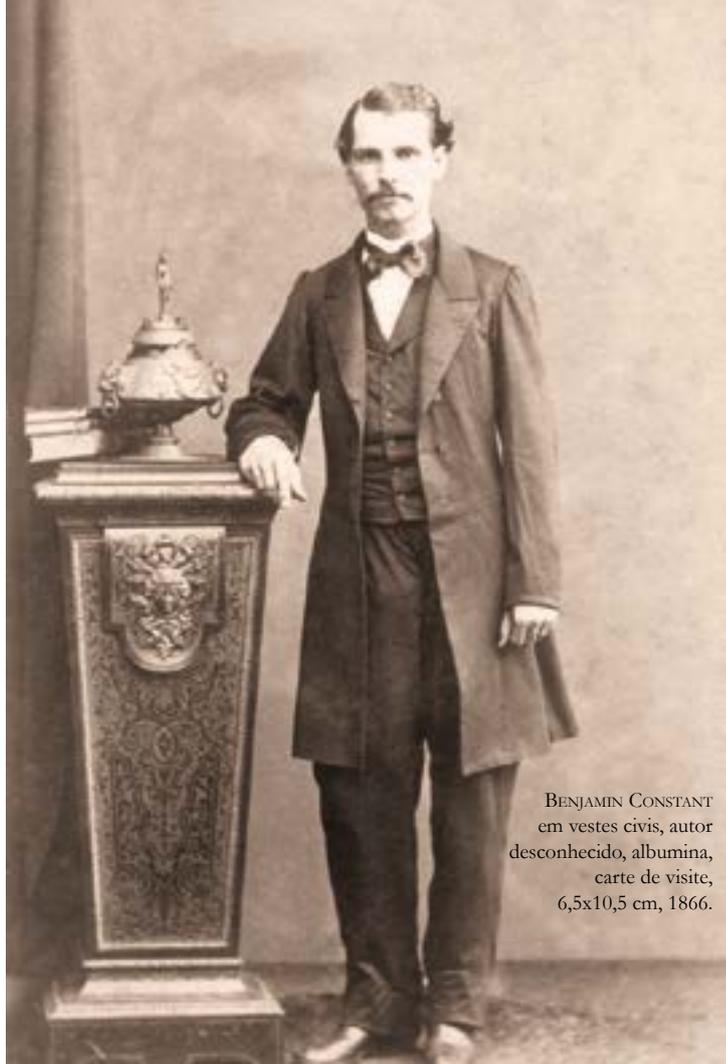
CASA DE BENJAMIN CONSTANT. Construída por volta de 1860, esta é uma típica casa de chácara do século XIX, em estilo neoclássico, com janelas para ventilação e iluminação do ambiente e varanda com gradil de ferro.

ABERTURA

O Ao caminhar pelo histórico bairro de Santa Teresa e encontrar-se diante do portão branco de uma chácara em meio ao verde, é provável que o caminhante não saiba que a casa bucólica que contempla foi a única a ter uma função de memória garantida pela Constituição de 1891.

Com o falecimento de Benjamin Constant, a casa passou a usufruto da viúva e dos filhos do casal, que não tinham condições de mantê-la. Assim, o governo republicano adquiriu a chácara por 100 contos de réis e nela mandou colocar uma placa em homenagem a Benjamin Constant. Além do objetivo prático de garantir o bem-estar da família enlutada, a compra da casa também fez parte da entronização do Fundador da República no rol de heróis nacionais. Sua morte e elevação à figura de apelo público marcaram toda a trajetória da casa a partir de então.

Conheça um pouco mais dessa história, do bairro tradicional de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, e da trajetória de um professor dedicado às reformas sociais por intermédio da educação. Visite o Museu Casa de Benjamin Constant.



Reprodução Museu Casa de Benjamin Constant

BENJAMIN CONSTANT
em vestes civis, autor
desconhecido, albumina,
carte de visite,
6,5x10,5 cm, 1866.

BENJAMIN CONSTANT

Quem foi esse homem, merecedor de um artigo na primeira Constituição republicana do país, merecedor do título de “fundador da República” e merecedor de um museu? Por que esse homem não caiu no “Hades” do esquecimento e foi lançado à vida eterna da memória? Reconhecer que existem relações entre o poder e a memória implica politizar as lembranças e esquecimentos, e, para isso, é necessário conhecer a história. Vamos conhecer, então, a história de Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Benjamin Constant nasceu em Niterói, no calor do verão fluminense, em 9 de fevereiro de 1837. Nessa época, Pedro de Alcântara, ainda com onze anos de idade, não se transformara em Dom Pedro II. Benjamin Constant, portanto, nasceu sob a égide do Período Regencial, a experiência mais próxima de um governo republicano/presidencial que o Brasil tivera até então. Entretanto, por falta de tempo, não foi essa breve experiência que moldou sua verve republicana: em três anos, mais precisamente em julho de 1840, um rapaz de quatorze anos foi aclamado Dom Pedro II, Imperador do Brasil, no episódio conhecido pela historiografia como Golpe da Maioridade.

Dessa forma, a experiência de vida de Benjamin Constant foi moldada em um governo imperial, do qual ele passaria a discordar pelo princípio republicano advindo de sua crença no Positivismo: doutrina filosófica e política antiescravista e antimonarquista que acreditava na “marcha progressiva do espírito humano”, criada por Auguste Comte.

Seu pai, Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães, português de Torre de Moncorvo, era militar. Transferiu-se para o Brasil em 1822 e combateu, naquele mesmo ano, a favor da Independência. Em 1835, casou-se com Bernardina Joaquina e dois anos depois nasceu o primeiro filho, Benjamin, o mais velho entre cinco irmãos. A escolha do nome do primogênito revela que o pai era um homem letrado: foi uma homenagem ao político e pensador liberal francês, Benjamin Constant de Rebeque, falecido sete anos antes do nascimento do niteroiense.

Quando Benjamin nasceu, seu pai já exercia outra profissão. Afastado da vida militar por motivo de saúde entre 1836 e 1837, passou a exercer o magistério e abriu uma pequena escola particular de primeiras letras em Niterói, onde lecionava latim e gramática portuguesa. O pai, certamente, foi influência decisiva na vida de Benjamin, que também seguiu a carreira de professor e de militar.

A renda que Leopoldo Henrique obtinha com o magistério, no entanto, nem sempre supria as necessidades da casa. Dessa forma, a família mudou-se bastante; morou em Niterói, Macaé, Magé, Petrópolis e até em Minas Gerais.

Em 1848, o conde de Lajes convidou o professor para administrar uma de suas fazendas em Minas Gerais. Em 15 de outubro de 1849, porém, Leopoldo Henrique morreu de febre tifoide. Benjamin tinha doze anos quando o pai faleceu. A mãe, com a morte do marido, sofreu grave desequilíbrio emocional, do qual nunca se recuperaria. Enlouquecia gradativamente. Desesperado com a situação, três dias após a morte do pai, Benjamin Constant tentou suicidar-se, jogando-se nas águas do rio que cruzava a fazenda de Minas. Foi salvo por uma escrava que lavava roupas no local. Agradecido e recomposto da loucura que tentara, passou a considerar a data de 18 de outubro como a do seu nascimento, causando uma imensa confusão de inúmeros conhecidos e biógrafos.

No ano seguinte à morte do pai, a família resolveu mudar-se para a Corte. Benjamin terminou seus estudos no colégio do Mosteiro de São Bento e presenciou a situação de penúria da mãe, ajudada financeiramente por famílias de amigos.

Algo assemelhava o republicano Benjamin Constant ao detentor da Coroa Imperial: um “golpe da maioridade”. Se a solução para seus problemas não foi o suicídio, resolveu agir de outra forma: em 1852, aos quinze anos de idade, mudou o ano de seu nascimento para 1833, a fim de apresentar a idade mínima exigida nos exames da Escola Militar do Rio de Janeiro e, dessa forma, auxiliar no sustento da mãe e dos irmãos. Benjamin era a figura masculina mais velha de uma família que enfrentava dificuldades financeiras e emocionais.

Passou nos exames e, ainda aos quinze anos, tornou-se cadete de segunda classe, assumindo a direção da família e iniciando seus estudos na Escola Militar. Esse era o caminho percorrido, na época, pelos filhos de famílias pobres que desejavam educação de terceiro grau: a Escola Militar. Além dos estudos serem gratuitos, os alunos recebiam soldo se trabalhassem como praça. Com esse soldo e os ganhos de aulas de monitoria que começou a ministrar, na própria Escola Militar e em outros colégios, Benjamin passou a sustentar mãe e irmãos.

Os dois primeiros anos de Escola Militar foram difíceis pelo pouco tempo de estudo que lhe sobrava após as monitorias, mas Benjamin conseguiu equilibrar trabalho e estudo gradativamente. Foi nos sete anos de Escola Militar que se interessou pelo pensamento positivista

Reprodução fotográfica de Paulo Rodrigues /
Arquivo Museu Casa de Benjamin Constant



BERNARDINA JOAQUINA DA SILVA BOTELHO, mãe de Benjamin Constant, Décio Vilares, óleo sobre tela a partir de fotografia, 73x58 cm, século XIX.



ALUNOS DO IMPERIAL INSTITUTO DE MENINOS CEGOS, autor desconhecido, albumina, 23,5x16 cm, 1866. Benjamin Constant, à esquerda na janela, foi professor do Instituto que, nesse período, funcionava no Campo de Santana. Ao seu lado, seu sogro Claudio Luis da Costa, então diretor da instituição, foi substituído por Benjamin em 1868. Após a Proclamação da República e a morte de Benjamin, o Instituto passou a chamar-se Instituto Benjamin Constant.

Reprodução Museu Casa de Benjamin Constant

publicado em Braille, sistema de leitura por tato inventado por Louis Braille em 1827. Em 1862 conheceu Maria Joaquina Bittencourt Costa, filha do diretor do Instituto de Meninos Cegos. Casaram-se em 16 de abril de 1863. Benjamin Constant trabalhou nesse instituto por vinte anos e chegou ao cargo de diretor, substituindo seu sogro. Um decreto republicano de 24 de janeiro de 1891 deu à instituição o nome de Instituto Benjamin Constant, pelo qual ainda hoje é conhecido, em homenagem a seu mais longo e profícuo administrador. Atualmente, muitas pessoas imaginam que Benjamin era cego ou tivesse um parente cego, o que não é verdade. A homenagem se deveu ao seu trabalho na instituição e a sua preocupação em dar educação e cidadania a pessoas com deficiência.

Benjamin Constant teve oito filhos com Maria Joaquina; cinco meninas e três meninos, dois deles falecidos nos primeiros anos de vida. Muitos pais perdiam filhos ainda na primeira infância. A morte por febre amarela, varíola, difteria, sarampo, disenteria, peste bubônica e tuberculose era algo comum no Rio de Janeiro do século XIX. A febre amarela – em condições urbanas, o vírus é transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti* – era democrática, não fazia nenhuma distinção de classe e grassava até no seio da família real.

A exemplo da epidemia de febre amarela de 1850. Nela, o Imperador Dom Pedro II perdeu seu segundo filho, Pedro Afonso, de um ano e meio, em decorrência da doença. Ele próprio e sua filha Isabel também adoeceram na época. Antes, já havia perdido seu primeiro filho, Afonso, de dois anos. A perda desse segundo filho homem foi particularmente dolorosa para o imperador, que dedicou a ele um soneto que definia bem seu estado de espírito: “Tive o mais funesto dos destinos; Vi-me sem pai, sem mãe na infância linda; E morrem-me os filhos pequeninos”.

Benjamin Constant perdeu os filhos Leopoldo Henrique – nome do avô português – ainda bebê, e Cláudio, com menos de três anos, também por febre amarela. Mas Benjamin Constant Filho, nascido em 1871 – mesmo ano da morte do pequeno Leopoldo – teve melhor sorte, pois viveu até os trinta anos de idade, morrendo em 1901, dez anos após o falecimento do pai. As filhas, Aldina, Adozina, Alcida, Bernardina e Araci viveram mais e deram-lhe muitos netos.

Os trabalhos, um ano no Observatório Astronômico e vinte anos no Instituto de Meninos Cegos, foram conseguidos por nomeações. Porém, Benjamin Constant não desistia de tentar passar no concurso público para professor de Matemática na Escola Militar.



BENJAMIN CONSTANT
E SUA ESPOSA, Maria
Joaquina, Insley
Pacheco, albumina,
6,5x11 cm, 1874.
Os dois se casaram
em 1863 e tiveram
6 filhos. Maria
Joaquina foi a primeira
pessoa a guardar e
identificar os objetos
pessoais, presentes
e condecorações do
marido, que hoje
fazem parte do acervo
do museu.

Embora Dom Pedro II fosse conhecido por seu apreço à ciência e ao mérito próprio, repetidas vezes nomeou outras pessoas para o cargo de professor no colégio Pedro II e na Escola Militar, não obstante Benjamin tivesse conquistado o primeiro lugar naqueles certames.

Em 1858, recém-formado engenheiro, Benjamin planejava fazer o concurso para a cátedra de Matemática Elementar da Escola Militar, mas nesse ano não houve concurso e outro professor foi nomeado. Em 1860, fez o concurso para o Colégio Pedro II e alcançou a primeira colocação, mas o imperador nomeou o segundo colocado para o cargo. Em 1861, foi a vez da Escola Normal da Corte, e a história se repetiu. Em 1863, finalmente, conseguiu ser tanto aprovado em primeiro lugar quanto ser nomeado professor de Matemática do Instituto Comercial. Na época, afirmou: “depois de quatro concursos é a primeira vez, graças a Deus, que obtenho uma carreira por concurso”. Ainda assim, foi apenas em 1873 que Benjamin conseguiu ser professor da Escola Militar por concurso.

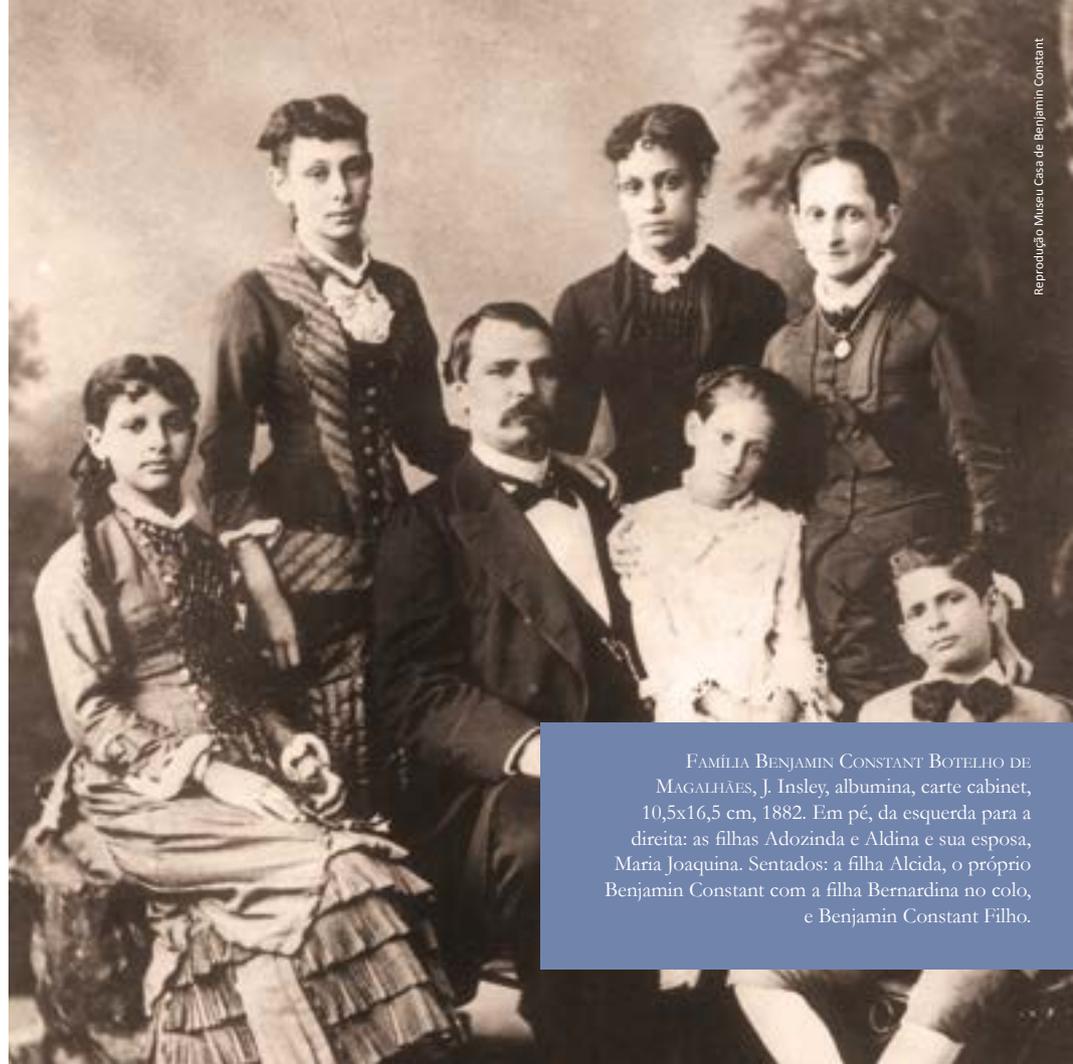
Quando prestou aquele certame, antes de iniciar a prova oral, declarou que era positivista e que pautaria suas lições por essa doutrina, de modo que perguntara à banca se isso não o incompatibilizaria para o cargo: não o incompatibilizou, e a Escola Militar foi o principal local

de disseminação de sua postura positivista e republicana. Em 1889 foi nomeado lente catedrático da Escola Superior de Guerra, mas, em agosto desse mesmo ano, aposentou-se do magistério.

Se Benjamin chegou a pensar que o imperador pudesse ter algo contra a sua pessoa, essa suposição deve ter sido diluída quando foi contratado como professor particular de Matemática dos netos de Dom Pedro II. De fato, o imperador demonstrava ter apreço à ciência e à excelência, pois nunca o retirou do cargo de diretor do Imperial Instituto de Meninos Cegos. Chegava a declarar que o professor de seus netos era “seu amigo”, o que não apagou a determinação de Benjamin em propagar a ideia de fim da monarquia entre seus alunos.

Outra experiência marcante para sua vida pessoal e para sua carreira de militar foi a participação como engenheiro na Guerra do Paraguai. Quando convocado, em 1866, já estava casado e possuía patente de tenente-coronel. Viviu um grande conflito, pois era arrimo de família, deixou a esposa grávida e uma filha pequena.

Benjamin integrou a Comissão de Engenheiros, encarregada de abrir trincheiras nas linhas avançadas de Tuiuti, em território paraguaio. Não foi ferido em batalha, mas precisou voltar ao Rio de Janeiro no ano seguinte com licença médica: havia contraído malária no Paraguai.



FAMÍLIA BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES, J. Insley, albumina, carte cabinet, 10,5x16,5 cm, 1882. Em pé, da esquerda para a direita: as filhas Adozinda e Aldina e sua esposa, Maria Joaquina. Sentados: a filha Bernardina no colo, e Benjamin Constant Filho.

Reprodução Museu Casa de Benjamin Constant

As complicações dessa doença seriam a causa de sua morte, em 1891, aos cinquenta e quatro anos.

O positivista ganharia maior notoriedade entre os anos de 1867, data de seu retorno do Paraguai, e 1891, ano de sua morte. Utilizava o espaço privilegiado do magistério para difundir a doutrina positivista e o republicanismo entre os jovens alunos da Escola Militar e, assim, ganhava destaque. Há, no entanto, disputa historiográfica quanto à importância de sua participação no evento de 15 de novembro de 1889, conhecido como Proclamação da República. Promovida pelo segmento militar com claro apoio dos alunos da Escola Militar, esses jovens o alçaram à figura de herói. Porém, o próprio Benjamin se dizia um “herói à força”. Nos dias 14 e 15 de novembro, quando a situação se acalorava, ele não liderou nenhum movimento por ímpeto próprio: foram os alunos, incitados pelo momento histórico, que o fizeram líder da conspiração republicana.

Proclamada a República e instituído um governo provisório militar (liderado por Deodoro da Fonseca), Benjamin Constant recebeu uma promoção política: passou de oficial a general de brigada. Assumiu o posto de segundo vice-presidente, o que corresponde ao terceiro cargo na linha sucessória da Presidência em caso de vacância. Assumiu a Pasta da Guerra, que equivale ao cargo de ministro da Guerra, e depois assumiu a

Pasta de Instrução Pública, Correios e Telégrafos; isso tornou Benjamin o primeiro ministro da Educação do período republicano. Benjamin era muito preocupado, inclusive, com a educação das mulheres. Como na época as moças não saíam desacompanhadas, ele criou um curso noturno para mulheres no Curso Normal da Corte. Nesse horário os homens já teriam voltado do trabalho para casa e poderiam acompanhá-las. Benjamin vislumbrou um futuro no qual as mulheres formariam a maior parte dos educadores, porque elas eram mais aplicadas nos estudos e tinham melhor aproveitamento.

As dispneias e crises hepáticas de sua antiga malária, no entanto, não permitiram que permanecesse no cargo por muito tempo. Faleceu em janeiro de 1891, na chácara charmosa de Santa Teresa, que havia alugado em 1889, pouco depois da Proclamação. Como vimos, hoje a casa foi transformada em um museu para preservar sua memória.

Ter falecido em data tão próxima à mudança de regime e ter sido grande referência teórica positivista e republicana a muitos dos redatores da Constituição, garantiu-lhe a memória eterna. Onde há poder, há um exercício de construção de memória; é isso que transforma homens em heróis nacionais; é isso que transforma casas em “museus-casa”; é isso que fez de um professor carismático e positivista o “fundador da República”.

BENJAMIN CONSTANT E O POSITIVISMO

A prática positivista caracterizava-se por uma postura científica frente aos fenômenos sociais e naturais, e pela máxima: “amor por princípio, ordem por base e o progresso da humanidade por fim”. O positivismo pregava a ideia de evolução e progresso da humanidade. Dessa forma, os povos estariam em estágios evolutivos e passariam por transições. Acreditavam em uma transição orgânica de um estágio que chamavam de metafísico, para o estágio dito superior da ditadura republicana. O fim do regime monárquico e a proclamação de uma república, ainda que não a ditadura republicana desejada, já marcaria o início da transição para a fase final de evolução da humanidade.



Reprodução fotográfica de Paulo Rodrigues
Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

MEDALHA com efígie de Auguste Comte, frente e verso, metal, 2,8x0,3 cm, século XIX.

Embora pregassem a separação entre Estado e Igreja, criaram sua própria Igreja Positivista, a religião da humanidade, transformando o culto cívico em culto religioso. Como afirma o historiador José Murilo de Carvalho, os santos da nova religião eram os grandes homens da humanidade, os rituais eram as festas cívicas, e a Virgem Maria católica substituída pela ideia de Virgem-Mãe da humanidade: a figura de uma mulher com uma criança. Auguste Comte, fundador do Positivismo, preferia o nome “mátria” para se referir a sua pátria. No Rio de Janeiro, no bairro da Glória, foi erguido um Templo da Humanidade, em cujo altar-mor está a figura da Virgem-Mãe, representando a Humanidade Positivista.

Os positivistas também pregavam a integração, a irmandade entre os homens, e um progresso com harmonia, sem lutas de classe. Pela defesa da harmonia e da irmandade, eram contra a escravidão. A finalidade da ditadura republicana era garantir a incorporação do proletariado à sociedade – numa ideia utópica de que tal incorporação ocorreria de forma harmônica e sem tensões – e também garantir todas as liberdades espirituais. Eram contrários à democracia representativa, pois na ditadura republicana não haveria representantes do povo, mas apenas um ditador republicano que governaria por toda a vida em prol do progresso da

humanidade e da harmonia. Nesse quesito, embora o positivismo estivesse em primeiro lugar na vida de Benjamin Constant, ele não chegava a ser um positivista ortodoxo, e questionava a ideia de uma ditadura republicana sem representantes do povo.

Ainda que fosse um militar, Benjamin era contrário à ideia do predomínio da força militar na política. Pacifista, sonhava com o fim dos exércitos. Os positivistas ortodoxos chegaram a criticar a forma pela qual a República foi proclamada no Brasil, pelas mãos do Exército. Acreditavam que a transição da Monarquia para a República deveria ser completada pela elite imperial ou pelo próprio imperador. Benjamin Constant tentou legitimar sua ação e de seus discípulos militares, igualmente positivistas, afirmando que o Exército destituiria a Monarquia e logo entregaria o poder de volta aos civis. O Exército, para ele, era necessário naquela fase de transição e, por essa razão, era importante para o momento histórico no qual vivia.

Se pudermos resumir, então, o sumo de positivismo que guiava as ações diárias de Benjamin Constant, pode-se dizer: devoção e ensino da Matemática, crença na evolução da humanidade e da ciência, republicanismo, abolicionismo e amor à pátria.

Reprodução fotográfica de Paulo Rodrigues Azevêdo Museu Casa de Benjamin Constant



Livro *Synthèse Subjective*, de Auguste Comte, tecido, metal e papel, 22 x 15 cm, edição de 1856, oferecido a Benjamin Constant pelos alunos da Escola Militar da Corte.



Caixa decorada em madeira, couro, metal, tinta e tecido, s/d, 9 x 23,5 x 30,4 cm. Na capa três inscrições em metal: Bacon, Descartes e Vauvenargues, autor da frase “a clareza é a boa fé dos filósofos”, inspiração para as palavras inscritas na caixa: “Viver às Claras”, seguidas da divisa positivista “O amor por base, a ordem por princípio e o progresso por fim”.

BENJAMIN CONSTANT E AS PROCLAMAÇÕES DA REPÚBLICA

Quem proclamou a República brasileira? Quantas versões existem sobre esse ato? A quem dar o crédito histórico dessa mudança de regime?

Os historiadores não costumam dar créditos a pessoas, para eles, são os processos históricos que criam conjunturas favoráveis à ocorrência de determinados fenômenos que entram para os anais da História. O processo que levou ao fim da Monarquia é fortemente determinado pela Guerra do Paraguai e pela consequente ascensão do Exército na cena social e política do país; pela perda do apoio da Igreja Católica ao regime monárquico após a Questão Religiosa (quando os bispos do Pará e de Olinda foram presos por obedecerem a ordens do Papa, as quais deveriam ser, no Brasil, previamente validadas por Dom Pedro II); pelo crescimento do Partido Republicano e da ideologia positivista; e pela Abolição da Escravatura.

Não obstante a larga aceitação desse conjunto de fatores para o fim da Monarquia, houve, e ainda há na historiografia brasileira, uma luta renhida pelo estabelecimento de uma versão oficial para o 15 de novembro de 1889, que conceda protagonismo a determinadas pessoas

em detrimento de outras. A história cívica de um país é comumente formada por “heróis nacionais”. Em relação à mudança de regime de 1889, grupos antagônicos buscaram, portanto, um “pai da República” e o estabelecimento de um “mito de origem”. As disputas para o estabelecimento desse mito, fenômeno que sempre solidifica uma versão dos fatos, opuseram os republicanos históricos e civis contra o grupo militar. E entre os dois grupos, ainda havia oposição entre a versão positivista e a versão liberal de República. Isso ocorria porque, como afirma o historiador José Murilo de Carvalho, não havia uma definição clara sobre que tipo de república se queria para o país: se liberal, positivista ou jacobina.

Nesse conflito para definição do novo regime, os representantes de cada grupo promoviam uma dança de adjetivos. Aqueles que defendiam a participação decisiva do marechal Deodoro da Fonseca, o chamam de “pai da República”, ou “proclamador”. Dessa forma, ao colocar em jogo a definição dos papéis de cada ator, e os adjetivos que cada um ganharia, também estava em jogo a definição da própria natureza do novo regime.

Há dúvidas, até hoje, se Deodoro chegou a proclamar a República naquele dia 15. O marechal nunca fora republicano, mas compreendia

que o Exército merecia mais atenção do Estado, tanto em importância social e política quanto em aumento de soldos.

Os verdadeiros conspiradores eram os jovens oficiais, alunos das escolas militares, que souberam como trazer o marechal Deodoro para o campo republicano, afirmando que o governo monárquico perseguia o Exército e favorecia a Guarda Nacional. Se para os republicanos históricos o novo regime viria após a morte de Dom Pedro II, para os militares – majoritariamente os jovens por demais descontentes – o processo deveria ser antecipado, principalmente após os boatos do dia 14 de que Deodoro e Benjamin seriam presos. Os soldados se aquartelaram no Campo de Santana, onde ficava o quartel general, e passaram a gritar vivas à República.

Quando Deodoro chegou ao Campo, teria determinado que eles se calassem. Deodoro teria dado ordem para que os portões do quartel fossem abertos e dirigiu-se ao chefe do gabinete do Império, Visconde de Ouro Preto, fazendo longo discurso sobre a perseguição do governo ao Exército e declarando deposto o ministério de Ouro Preto; Benjamin estava ao seu lado. Não há registro de que Deodoro tenha proclamado a República naquela ocasião. Ele ainda precisou voltar para casa, pois estava doente. No entanto, alguns republicanos, nas ruas, passaram a gritar vivas ao novo regime.

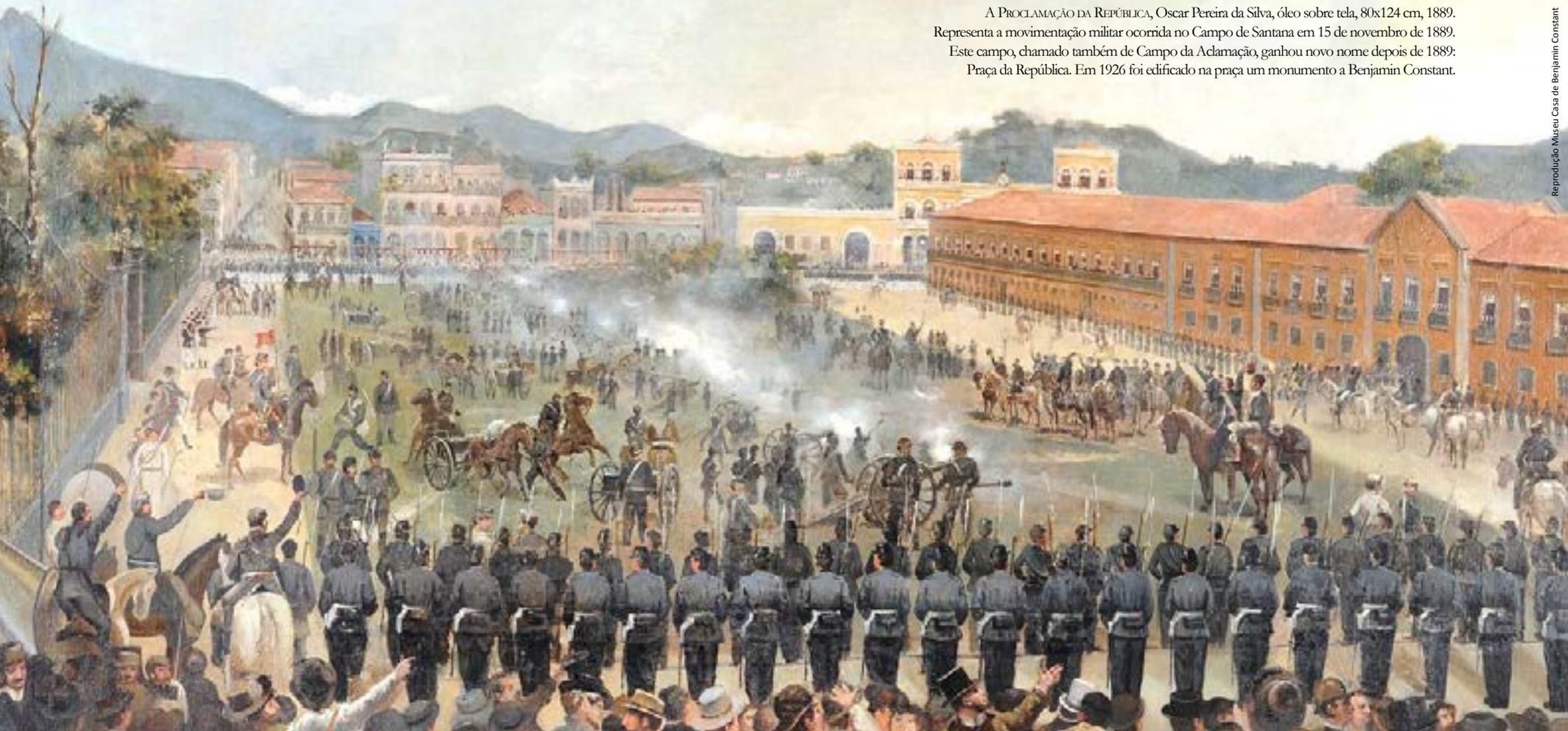
Embora fosse admirador confesso da Princesa Isabel, foi José do Patrocínio, jornalista e político civil, quem seguiu em direção à Câmara Municipal e proclamou a República. Patrocínio hasteou uma nova bandeira nacional feita pelo Clube Republicano Lopes Trovão. A bandeira republicana hasteada na Câmara era uma réplica da bandeira dos Estados Unidos, mas em cores verde e amarela, revelando o ideal de república liberal.



BENJAMIN CONSTANT TRAJANDO FARDA MILITAR, Pacheco & Filho, gelatina, 12x16,5 cm, 1889. Esta mesma farda foi usada por Benjamin Constant em 15 de novembro de 1889, atualmente está em exposição no museu.

Reprodução Museu Casa de Benjamin Constant

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, Oscar Pereira da Silva, óleo sobre tela, 80x124 cm, 1889.
Representa a movimentação militar ocorrida no Campo de Santana em 15 de novembro de 1889.
Este campo, chamado também de Campo da Adamação, ganhou novo nome depois de 1889:
Praça da República. Em 1926 foi edificado na praça um monumento a Benjamin Constant.



Os defensores de Benjamin creditam a ele o fato de o movimento ter sido uma verdadeira mudança de regime, uma revolução, e não uma mera quartelada com mudança de gabinete. Certamente, Benjamin Constant não receberia os títulos de “o catequista”, “o apóstolo”, “o doutrinador”, “o ídolo da juventude” e até de “o fundador da República”, se não tivesse algo de especial: carisma associado ao dom da palavra.

O que se comentava, à época, era a verdadeira idolatria e veneração que lhe dedicavam seus alunos da Escola Militar. Era uma admiração próxima do fanatismo, que talvez poucos professores de Matemática tenham conseguido alcançar. Esse ídolo incitava seus alunos, os jovens militares, a desejarem um governo republicano. Esses jovens foram a força motriz do movimento, sabendo colocar a sua frente militares graduados, como Deodoro e o próprio Benjamin, para o liderarem com sucesso.

BATALHA DE SÍMBOLOS

A batalha de símbolos e alegorias é parte integrante das batalhas ideológicas e políticas. O regime republicano, recém-inaugurado e ainda muito frágil, precisava criar seus símbolos, um mito de origem com heróis. Enfim, um imaginário republicano que calasse fundo nos corações dos brasileiros e fortalecesse o regime. No entanto, sem vivência coletiva, a simbologia criada estava arriscada a cair no vazio.

Reprodução fotográfica de Paulo Rodrigues
Acervo Museu Casa de Benjamin Constant



EFÍGIE DA REPÚBLICA COM BARRETE FRÍGIO, FRENTE E VERSO. MOEDA CUNHADA EM MEMÓRIA DE BENJAMIN CONSTANT, METAL, 4,5 CM, 1891.

O concurso promovido pelo governo provisório para escolher um novo hino nacional para o Brasil é um exemplo de tentativa de criação de símbolo que cai no vazio. A população gostava da velha música do hino imperial, composta pelo maestro Francisco Manuel da Silva em 1822. Diante da aclamação popular, Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca decidiram que o hino nacional permaneceria o mesmo, pois a população já estava acostumada a ouvi-lo nas festas cívicas. Os combatentes no Paraguai escutaram aqueles acordes em guerra, a população que festejou o fim da guerra viu o imperador desfilar ao som daqueles acordes: a música estava, portanto, arraigada na emoção nacionalista de todos.

O que aconteceu, então, com o hino vencedor do concurso? Foi adotado como o hino da Proclamação da República, música de Leopoldo Miguez e letra de Medeiros de Albuquerque, que dizia: “liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós, das lutas, na tempestade, dá que ouçamos tua voz”.

Ao Hino Nacional, o governo republicano resolveu apenas adicionar uma letra, escrita por Osório Duque Estrada, em novo concurso de 1906, que começava assim: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas; De um povo heroico o brado retumbante”.

Os responsáveis pela simbologia republicana cedo perceberam que a recriação de um imaginário tem mais êxito quando se rende à tradição de um povo, reelaborando-a. Sem vivência coletiva e sem memória afetiva, o novo símbolo não vinga.

A primeira bandeira republicana, de inspiração americana, não durou muito. Com retângulo negro salpicado de estrelas brancas e listras horizontais verdes e amarelas, essa bandeira foi hasteada na Câmara por José do Patrocínio no mesmo dia 15 de novembro e lá ficou somente por cinco dias. Uma cópia dessa bandeira, com retângulo de fundo azul ao invés de negro, foi hasteada no navio Alagoas, que levou a família imperial ao exílio. Após se afastar do litoral de Santos, o comandante do navio retirou a bandeira do mastro em respeito a Dom Pedro II. Como a bandeira passava claramente a idéia de república liberal, a reação dos positivistas foi rápida: defensores da idéia de ligar o passado ao presente e ao futuro, Teixeira Mendes e Décio Villares resolveram reelaborar a antiga bandeira imperial e introduzir os ideais positivistas. Da bandeira imperial, feita por Debret com possível co-autoria de José Bonifácio e da Imperatriz Leopoldina em 1822, os positivistas conservaram o fundo verde, o losango amarelo e até uma esfera no

centro. A antiga esfera armilar circundada por estrelas da bandeira imperial foi transformada em um círculo azul, salpicado de estrelas, cortado por uma faixa branca onde se lê o lema positivista: “ordem e progresso”. Para adotar a posição das estrelas, foi chamado o astrônomo Manuel Pereira Reis, que afirmou ter reproduzido a posição das estrelas do Cruzeiro do Sul no dia 15 de novembro.

Teixeira Mendes e Décio Villares, portanto, seguiram as indicações de Auguste Comte, as quais afirmavam que na 1ª fase da transição orgânica da humanidade as bandeiras anteriormente vigentes deveriam ser mantidas, mas com acréscimo da divisa política “ordem e progresso”.

O próprio Benjamin Constant entregou ao governo provisório o desenho da bandeira positivista e, desde então, esta vigora como bandeira nacional. A esposa e as filhas de Benjamin Constant bordaram aquela que seria considerada a primeira bandeira em tecido com a ideia de Décio Villares e Teixeira Mendes. A nova bandeira, detentora de memória afetiva, conseguiu vingar, mesmo criticada por grupos contrários ao positivismo.

O dirigente do Apostolado Positivista, Teixeira Mendes, ao escrever a primeira biografia de Benjamin Constant um ano após

Reprodução da Bandeira Imperial Brasileira



DESENHO DA BANDEIRA IMPERIAL BRASILEIRA, baseada no original de Jean-Baptiste Debret, 1822. A cor verde representava a casa de Bragança e a cor amarela a casa de Habsburgo. No centro, esfera armilar, rodeada por estrelas, encimada pela coroa imperial e apoiada em ramos de café e tabaco.

Reprodução da Bandeira Republicana



PRIMEIRA BANDEIRA REPUBLICANA, de influência liberal estadunidense. Essa bandeira, sem vínculo com a memória afetiva nacional, não vingou e logo foi substituída pela bandeira positivista.

sua morte, ajudou a solidificar sua imagem de herói nacional de Constant. No panteão cívico do país, Teixeira Mendes apresentou uma trindade de heróis que simbolizava o avanço da sociedade brasileira em direção a seu destino histórico: Tiradentes como herói da Inconfidência; José Bonifácio como mentor da Independência; e Benjamin Constant como fundador da República.

“A PÁTRIA”, de Pedro Bruno, óleo sobre tela, 1919. As mulheres bordando a bandeira aludem às filhas e à esposa de Benjamin Constant, que costuraram a primeira bandeira do Brasil republicano. A nova bandeira conservou de sua antecessora imperial o retângulo verde, o losango amarelo e as estrelas. Nesta composição, Bruno incluiu figuras que fizeram parte da construção da simbologia republicana, como Marechal Deodoro da Fonseca e Tiradentes.





Paulo Rodrigues / Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

ENTRADA DA CHÁCARA. Situado numa Área de Preservação Ambiental (APA) do bairro de Santa Teresa, o Museu Casa de Benjamin Constant conta com mais de 10.000 m² de área verde.

O MUSEU

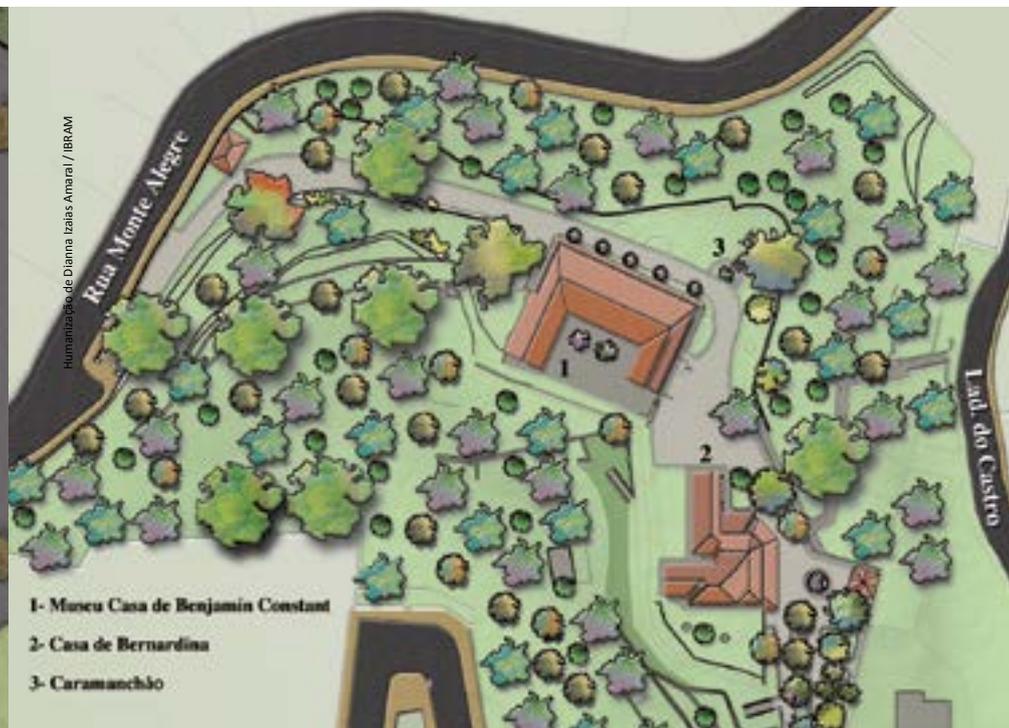
A CASA E O PARQUE

A casa foi construída na segunda metade do século XIX, cerca de 1860, por Antonio Moreira dos Santos Costa, seu proprietário. Benjamin Constant alugou-a em 1889, logo após a Proclamação da República, quando deixou a direção do Imperial Instituto dos Meninos Cegos para participar do governo provisório como ministro da Guerra e, logo depois, como ministro da Instrução, Correios e Telégrafos.

Antes de alugar a casa de Santa Teresa, Benjamin Constant e a família moravam nas dependências do Instituto de Meninos Cegos. Ao falecer, em Santa Teresa, deixava a família sem dinheiro em uma propriedade alugada. A atitude da Assembleia Constituinte de fazer um artigo constitucional que adquiria a casa para a União e seu usufruto à viúva teve dois objetivos: garantir ao país a posse eterna da casa onde morou um homem que seria transformado em herói nacional – claramente um ato governamental que criou um lugar de memória – e também garantir o sossego do fim do aluguel à família de poucos recursos daquele recém-gerado herói.



IMPLANTAÇÃO DO MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT, com o parque, a casa principal e a casa anexa, onde viveu Bernardina, filha de Benjamin Constant.



PLANTA BAIXA DO MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT

A propriedade é uma chácara, o que significa a existência de uma ampla área verde em plena cidade. Uma chácara difere de um sítio, pois este último é sempre mais distante do centro urbano. Benjamin se sentiu maravilhado ao entrar no jardim pela primeira vez e olhar a Baía de Guanabara, bem como os telhados do velho casario lá embaixo; imediatamente disse que alugaria a casa sem nem sequer olhá-la por dentro.

A edificação está situada em amplo jardim densamente arborizado com mais de 10.500m², dos quais um pouco mais de 300m² de área construída são referentes ao museu, e outros 200m² de área construída são concernentes à casa anexa, perfazendo um total de 520m² construídos.

A casa foi construída no estilo neoclássico, com caramanchão e coreto em um parque de árvores frutíferas e ornamentais. Possui planta de arquitetura em forma de “U”, formando, assim, um pátio interno, para o qual dão várias portas e janelas. Tanto as portas quanto as janelas têm, em sua maioria, folhas duplas, quando não triplas, nos casos das janelas. Algumas janelas possuem gradil em ferro fundido.

Internamente, os cômodos de serviços apresentam piso em ladrilho hidráulico, paredes em azulejo branco meia barra e caiação branca, ou

totalmente caiadas de branco, com rodapé em ladrilho hidráulico. Nos outros cômodos, o piso é em tábua corrida. Externamente, o imóvel tem caiação branca.

A casa passou por duas grandes reformas, em 1906 e 1936, feitas pela própria família, adequando melhor seus espaços para a vida no século XX. No ano de 1958, por ocasião do tombamento do imóvel, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fez diversas obras para recuperar a planta original do imóvel. De 1987 a 1991, houve nova



Paulo Rodrigues / Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

SALA DE JANTAR. Mesa de doze lugares, *etagère* à esquerda e armário de canto à direita. Ao fundo, está a rede indígena presenteada por Marechal Rondon à viúva de Benjamin.

restauração da casa histórica, incluindo reforma geral do telhado, substituição de vigas de sustentação e do piso em madeira, e revisão elétrica. A Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA) fez a reconstituição paisagística para a inauguração do museu em 1982, plantando mil árvores no terreno.

O museu também possui em seu terreno uma edificação anexa, onde, originalmente, tudo indica ter sido uma cocheira, ou casa de serviços. Quando a filha Bernardina Constant se casou, por volta de 1905, essa casa anexa foi reformada e ampliada para que pudesse acolher melhor o casal. Atualmente, a casa anexa abriga a sede administrativa do museu, com os setores técnicos, além do Arquivo Histórico e Biblioteca.

HISTÓRICO DO MUSEU

Mais de uma vez Benjamin Constant sinalizou que recusaria ser o líder máximo do governo, deixando claro que não tinha pretensões de substituir Deodoro. Esse é um dos indícios de que Benjamin nunca desejou estar na mira de holofotes ou ser visto como herói. Sua militância, se podemos usar a palavra, era a ciência e a educação.

Benjamin Constant tinha um objetivo pessoal que levou consigo durante seus dois últimos anos de vida: reformar o ensino no Brasil. Certa vez afirmou que “o engrandecimento da República repousa essencialmente sobre a educação”. Muito se esforçou para isso, recusou trabalhos que poderiam lhe trazer prestígio e antes de morrer conseguiu submeter o projeto de reforma do ensino público brasileiro. Porém, a vontade individual é, não raro, sobrepujada pelo triunfo da vontade coletiva e, nesse caso, política.

O título de Fundador da República, outorgado a Benjamin pelo Congresso Nacional dois dias após seu falecimento e também registrado nas Disposições Transitórias da Constituição de 1891, coroou o que o historiador Renato Lemos chamou de entronização de Benjamin no panteão de heróis nacionais. Além do título, a Carta previu o destino da última residência do homenageado:

*“O Governo federal adquirirá para a Nação a casa em que faleceu o Doutor Benjamin Constant Botelho de Magalhães e nela mandará colocar uma lápide em homenagem à memória do grande patriota - o fundador da República”
(Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, Disposições Transitórias, Artigo 8º, 24 de fevereiro de 1891)*

O trecho é precedido pela oferta do governo de uma pensão vitalícia a D. Pedro II que, “a contar de 15 de novembro de 1889, garanta-lhe, por todo o tempo de sua vida, subsistência decente”. Ao mesmo tempo em que lembra o último imperador, faz surgir a figura do fundador do regime que pôs fim ao Império. Sete meses ainda se passariam até que a família se beneficiasse da aquisição da casa para a Fazenda Nacional. Num decreto assinado por Deodoro da Fonseca, lemos:

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brazil: Faça saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a resolução seguinte:

Art. 1º Fica o Presidente da República autorizado a despender, desde já, a quantia necessaria para, de accordo com o art. 8º das disposições transitorias da Constituição Federal, adquirir para o Estado a casa em que falleceu o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Art. 2º A família do grande patriota será desde logo indemnizada das despesas por ella feitas com a locação dessa casa desde 24 de fevereiro ultimo até ao dia em que for satisfeito o disposto no citado art. 8º.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrario. O Ministro de Estado dos Negocios do Interior assim o faça executar.
Capital Federal, 29 de agosto de 1891, 3º da Republica.
Manoel Deodoro da Fonseca.

T. de Alencar Araripe.

Quando lembramos que a residência de Deodoro também recebeu uma placa memorativa do seu ato proclamador, podemos imaginar que a elite política produzia os sítios históricos da República, vinculando-os às figuras públicas do novo regime. No caso de Benjamin Constant, nada melhor que a morte como convite à



Aerovo Museu Casa de Benjamin Constant

FOTOGRAFIA DA FACHADA DA CASA DE BENJAMIN CONSTANT, autor desconhecido, gelatina de prata, 1904. Com o falecimento em 1961 de sua filha mais nova Araci, a casa foi retomada pela União para dar início ao trabalho de organização do Museu, inaugurado em 1982.

entronização que ultrapassou a demarcação física de sua residência como um lugar histórico, gerando a primeira iniciativa museológica da República brasileira.

Em 1958, o General Pery Constant Beviláqua, bisneto de Benjamin Constant, solicitou ao SPHAN uma intervenção no imóvel, que se encontrava em ruínas. Após estudos, a casa foi tombada como patrimônio histórico nacional, com um parecer favorável de Carlos Drummond de Andrade.

Vale registrar que Drummond de Andrade menciona o projeto de Demétrio Ribeiro, que propunha a conversão da casa em museu. Além disso, cita o artigo 8º das Disposições Transitórias da Constituição de 1891. Para ele, seria desnecessária a pesquisa e justificativa para o tombamento, já que a historicidade da casa foi estabelecida pela Carta de 1891, restando ao SPHAN inscrever o imóvel no Livro de Tombo e produzir documentação fotográfica do imóvel para compor o arquivo da Seção Histórica.

Sugestivamente, a morte de Benjamin – sua passagem da dimensão física para a mítica – marca o imóvel: o objeto do tombamento é chamado de “casa onde faleceu Benjamin Constant” (grifo atual), como se a passagem do morador de vivente a mito resultasse também

na passagem da casa de residência a patrimônio.

Maria Joaquina, esposa de Benjamin, parece não ter esquecido a intenção de memória que a elite política e sua própria família tinham em relação a seu marido. Preservou documentos e objetos como se estivesse gerindo uma espécie de reserva técnica para um futuro museu cívico e patriótico, bem aos moldes positivistas caros a Benjamin Constant.

Sobretudo no período de tombamento e restauro da casa, reiteradamente foi mencionada a Constituição de 1891 e o destino museológico do imóvel. Portanto, ainda que inaugurado apenas em 1982 como museu aberto ao público, podemos observar a permanência desse ideal de memória ao longo do século XX.

A MISSÃO DO MUSEU

Entre os vários tipos de museus, os “museus-casa” são aquelas residências que por seu interesse histórico ou pela importância de seus donos foram preservadas como registros de sua época. O Museu Casa de Benjamin Constant é um típico exemplo de um museu-casa, concebido com a missão de preservar o ambiente familiar e o

contexto sociocultural em que viveu Benjamin Constant, por meio da reconstituição dos hábitos de vida típicos da transição do século XIX para o XX, e da disseminação de seu arquivo documental. O museu tem por objetivo, também, a integração da instituição com as peculiaridades do território em que se encontra, o histórico bairro de Santa Teresa. O museu configura-se, assim, como um lugar de memória que permite ao visitante uma sensação de viagem no tempo e uma reflexão sobre o processo histórico da Proclamação da República.

EXPOSIÇÃO DO MUSEU

Com sua decoração, móveis e objetos pertencentes ao acervo museológico, o museu apresenta uma exposição de longa duração distribuída por cômodos que reconstituem o ambiente em que vivia Benjamin Constant ao final do século XIX. A museografia testemunha também os hábitos e costumes das famílias do início do século XX.

O ACERVO MUSEOLÓGICO

Na condição de museu-casa, o Museu Casa de Benjamin Constant reúne um acervo diversificado ligado a diversos aspectos da vida privada e pública de seu patrono e familiares: pinturas, pequenas esculturas, mobiliário, indumentária, medalhas, objetos pessoais, armaria, utensílios domésticos, documentos, fotografias, entre outros.

O acervo museológico do museu foi constituído inicialmente por peças reunidas na época do tombamento do imóvel pelo SPHAN, em 1958, e algumas doações feitas pelo neto de Benjamin Constant, Pery Constant Beviláqua. Com a retomada da casa pela União em 1961, foram encontradas peças de mobiliário que passaram a ficar sob a guarda do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No ano de 1980, com os trabalhos de organização do museu, o neto Pery Constant doou mais um conjunto de objetos que pertenceram a Benjamin Constant e seus familiares, para a montagem da exposição e inauguração do Museu em 1982. Em 1993, o museu recebeu nova doação dos bisnetos de Benjamin Constant, e foram doados objetos que pertenceram a Pery Constant Beviláqua, o neto de Benjamin que faleceu em 1990. Atualmente, o museu conta com cerca de mil itens de acervo museológico.

MEDALHA
COMEMORATIVA
do centenário do
Instituto Benjamin
Constant, frente
e verso, metal,
1954. Dom Pedro
II, fundador do
Instituto dos
Meninos Cegos,
aparece ao lado de
Benjamin Constant,
o mais célebre
diretor da casa.



Paulo Rodrigues / Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

ARQUIVO HISTÓRICO E BIBLIOTECA

O museu conta com Arquivo Histórico e Biblioteca, que abrigam os acervos bibliográfico, arquivístico e fotográfico do museu, disponíveis para pesquisa. Esse acervo foi constituído pela contínua doação de documentos pelos familiares ao arquivo do museu, que atualmente conta com 27.000 documentos e 4.162 fotografias, distribuídos pelos fundos: Benjamin Constant; José Beviláqua (genro); Pery Constant Beviláqua (neto); e Família Benjamin Constant. Um fundo é a reunião de um conjunto de documentos organizados por sua procedência. Essas doações enriqueceram um acervo que reúne documentos privados e oficiais de três gerações que seguiram a carreira militar e tiveram destacada atuação na vida política do país, tornando-o um arquivo singular, totalmente inventariado, aberto ao público e estudiosos de diversos temas. Foi organizado, higienizado e acondicionado com o patrocínio da Petrobras e da Fundação Vitae, com o apoio da Associação de Amigos do Museu Casa de Benjamin Constant, entre 1999 e 2006.

O Fundo Benjamin Constant é formado por: séries de documentos datados entre 1850 e 1891, entre os quais se destacam

FARDA MILITAR DE TENENTE-CORONEL usada por Benjamin Constant no dia da Proclamação da República. Tecido e metal, s/d.



Paulo Rodrigues / Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

as correspondências trocadas entre ele, familiares e amigos, entre as quais as cartas do período da Guerra contra o Paraguai; séries sobre as instituições de ensino civis e militares por onde passou Benjamin; e séries sobre as associações científicas, de seguro e recreativas, nas quais Benjamin teve participação relevante.

No Fundo José Beviláqua, formado por documentos datados entre 1878 e 1937, destacam-se a correspondência de José Beviláqua, que foi tanto aluno quanto genro de Benjamin Constant. Quando Benjamin Constant assumiu cargos no governo republicano, o genro Beviláqua também foi seu ajudante de ordens e auxiliar nos ministérios da Guerra e da Instrução, Correios e Telégrafos.

No Fundo Pery Constant Beviláqua, filho de José e neto de Benjamin, destacam-se documentos sobre a conjuntura político-militar das décadas de 1950 e 1960, pois Pery foi ministro do Superior Tribunal Militar. A coleção inclui, também, recortes de jornais, documentos impressos e fotografias do período compreendido entre 1906 e 1990.

No Fundo Família Benjamin Constant, destacam-se as correspondências da família que tratavam sobre o cotidiano da família, sobre a Proclamação da República e sobre a memória de Benjamin Constant. São correspondências que datam desde 1890 a 1991.

O acervo fotográfico é composto, majoritariamente, por imagens da família de Benjamin Constant, seus amigos e descendentes; incluindo fotografias importantes da trajetória do General Pery Beviláqua, como as da Guerra do Chaco, ocorrida entre Paraguai e Bolívia, na década de 1930. Além das fotografias em papel, existem



LAGUERREÓTIPO. Autor desconhecido, metal, vidro, madeira e tecido, 1854 e 1864. Primeira técnica de processo fotográfico. A coleção de fotos do museu engloba uma grande diversidade de formatos, técnicas e processos fotográficos.

Reprodução fotográfica de Paulo Rodrigues /
Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

360 negativos em suporte flexível e 16 negativos de vidro, perfazendo um conjunto de 4.162 registros de imagens, que contemplam todos os processos fotográficos, desde o daguerreótipo até a fotografia moderna. Certamente, é um acervo que deve ser considerado por aqueles que estudam a história e as técnicas da fotografia no Brasil.

A biblioteca do museu possui 4.926 volumes, com 450 obras raras da biblioteca original de Benjamin Constant, títulos da biblioteca do General Pery Constant Beviláqua e a Coleção Museu (formada por livros doados por diversas instituições). Esse acervo é importante fonte para o estudo da História do Brasil, pois aborda temas como o Positivismo, a educação especial para cegos, políticas educacionais no Segundo Reinado, a formação e o desenvolvimento do Exército Brasileiro, Militarismo, a Revolução de 1930, os governos republicanos, o golpe de 1964, a Anistia de 1979, entre outros.

O acervo é, portanto, constituído tanto por peças reunidas na época da criação do museu quanto por peças agregadas posteriormente, e todas cumprem seu papel principal de oferecer aos visitantes e pesquisadores elementos para o conhecimento da vida de Benjamin Constant em seu tempo, da influência deste sobre seus descendentes, e também da vida cotidiana e militar no final do século XIX e no século XX.

A importância do acervo museológico e arquivístico desse museu pode ser medida pelas pesquisas exitosas que nele buscam embasamento documental. Entre elas, podemos citar as pesquisas do historiador Renato Lemos, que deram origem aos livros *Benjamin Constant, vida e história* e, com Celso Castro, *Cartas da guerra: Benjamin Constant na campanha do Paraguai e O diário de Bernardina: da Monarquia à República*, pela filha de Benjamin Constant.

Profundamente crente nos ideais positivistas de valorização do mérito próprio e da evolução dos homens, Benjamin Constant passou a criticar o Marquês de Caxias, comandante das forças brasileiras na guerra, nas cartas que escrevia para a esposa e para a família. O marquês, a quem seria concedido o título de Duque de Caxias ao término vitorioso da guerra, de acordo com Constant, não reconhecia o mérito de quem verdadeiramente se destacava no campo de batalha. Benjamin Constant criticava os elogios que o chefe da Comissão de Engenharia recebia pelo trabalho nas trincheiras, mas que era efetivamente realizado pelo próprio Benjamin. Nas cartas, Caxias era chamado de incompetente, corrupto, corruptor e covarde. Além da valorização do mérito próprio, outro conceito positivista contrapunha Benjamin a Caxias: o conceito de “soldado-cidadão”. Benjamin

acreditava ser antes um cidadão, que trabalhava como militar. Dessa forma, detestava a máxima da “obediência passiva” de não questionar ordens de superiores, base da hierarquia militar.

Para Caxias, porém, a hierarquia e a disciplina eram inquestionáveis, tanto que chegou a virar um verbete de dicionário; transformado em adjetivo, transformou-se em sinônimo de pessoa que respeita as leis e os regulamentos de forma extremada e que sempre cumpre suas obrigações.

É curioso perceber que a disputa transbordou para os monumentos históricos da cidade do Rio de Janeiro. Em 1925, em frente ao Palácio do Exército (então Ministério da Guerra) foi erguido um monumento a Benjamin Constant com estátuas de Décio Vilares. Na inauguração, foi promovida uma festa cívica, na qual se incluía um cortejo de positivistas. Porém, em 1945, com a abertura da Avenida Presidente Vargas, o monumento a Benjamin Constant foi removido para o Campo de Santana (também conhecido como Praça da República) e substituído pelo Panteão de Caxias. Assim, diante do Ministério da Guerra agora figura um monumento em homenagem ao “patrono do Exército”: na batalha de símbolos, o Exército naquele momento definia-se por outra posição.



CARAMANCHÃO localizado na área verde do Museu Casa de Benjamin Constant.

Paulo Rodrigues
Acervo Museu Casa de Benjamin Constant

SERVIÇOS DO MUSEU

PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CULTURAIS

O Museu Casa de Benjamin Constant tem um Programa Educativo Cultural que promove circuitos temáticos de exposição e atividades desenvolvidas com alunos de escolas e o público em geral.

Os circuitos temáticos, visitas mediadas que dão maior enfoque em determinados temas, são os Circuitos Família, República e Parque do Museu, criados a partir da Exposição Permanente e apresentação do Caderno Educativo, editado pelo Museu como material de apoio.

Existem visitas mediadas para todos os visitantes, sejam turistas, moradores do bairro, estudantes dos níveis fundamental e médio, universitários e professores de todas as disciplinas. Nessas visitas, por meio do levantamento de questões motivadoras, os visitantes podem explorar todo o espaço do museu, assim como seu acervo. As visitas com mais de 15 pessoas devem ser agendadas por um dos profissionais (coordenador, professor, diretor) que acompanhará o grupo no dia da visita ao Museu.



VISITA TEATRALIZADA. Os atores representam os donos da casa: Benjamin Constant e Maria Joaquina. Durante a visita, contam um pouco da história da família e da queda do regime monárquico.



ESPETÁCULO TEATRAL “No tempo de Benjamin”, no Museu Casa de Benjamin Constant. Semana de Museus, 18 de maio de 2008.



ATIVIDADE ECOLÓGICA no parque do Museu Casa de Benjamin Constant. Semana de Museus, 14 de maio 2008.

Durante do Calendário Educativo Cultural também são desenvolvidas atividades para atender à programação de eventos do museu como: Comemoração da Semana Nacional de Museus; Comemoração da Primavera de Museus; Comemoração da Semana da República, e Dia da Bandeira.

ATENDIMENTO À PESQUISA

O arquivo e a biblioteca do Museu estão disponíveis à consulta de segunda a sexta-feira, das 10h às 17h, mediante agendamento prévio por e-mail ou pelos telefones (21) 3970-1168 / 3970-1177.



FACHADA DO MUSEU com busto de Benjamin Constant, bronze.

VISITAÇÃO AO MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT

Casa Histórica: Quarta a sexta-feira, das 10h às 17h. Sábado, domingo e feriados, de 13 às 17h.

Parque: Diariamente, das 8h às 17h

Pesquisa: Segunda a sexta das 10h às 17h, mediante agendamento.

Expediente administrativo: Segunda a sexta das 9 às 17h.

Endereço: Rua Monte Alegre, 255 – Santa Teresa – RJ.

Telefone: (21) 3970-1168 / 3970-1177.

Endereço eletrônico: mcbc@museus.gov.br.

Página na internet: museubenjaminconstant.blogspot.com

facebook.com/MuseuCasaBenjaminConstant

twitter: [@Museu_BConstant](https://twitter.com/Museu_BConstant)

As visitas mediadas com mais de 15 participantes devem ser agendadas com pelo menos 5 dias de antecedência por e-mail ou por telefone.

VISITE TAMBÉM

O ENTORNO

O bairro de Santa Teresa está localizado na Sona Zul do Rio de Janeiro, em uma colina com raízes no bairro da Lapa. É um dos bairros mais antigos da cidade, conhecido por suas ladeiras sinuosas, construções históricas e pelos bondes que circulam em suas ruas. Em 1894, foi inaugurada uma linha de bondes elétricos que passam até hoje sobre os Arcos da Lapa, um antigo aqueduto que levava as águas do Rio Carioca para abastecer a cidade. Quem seguir no bonde até a estação do Curvelo também pode visitar outro museu do Ibram em Santa Tereza: o museu Chácara do Céu, com obras de Debret, Degas, Miró, Matisse, Portinari, Vitalino, entre outros. Por todas essas razões, Santa Teresa tornou-se um bairro bastante visitado por turistas, atraindo grande número de restaurantes, casas de artesanato e pousadas. É um bairro boêmio e agradável.

LUGARES RELACIONADOS A BENJAMIN CONSTANT

Existem outros lugares, monumentos e museus espalhados por vários bairros do Rio de Janeiro que guardam relação com o Positivismo,

com a Proclamação da República e com Benjamin Constant, os quais formam um percurso agradável ao visitante que se interessa por esse período da história do Brasil.

A direção do Museu Casa de Benjamin Constant assinou uma parceria com o Museu da República, e assim foi criado um circuito turístico orientado, chamado “Circuito Sítios Históricos da República”. O



SALÃO MINISTERIAL DO MUSEU DA REPÚBLICA. Ao fundo, o quadro original “A Pátria”, de Pedro Bruno, 1919.

projeto surgiu da necessidade de os museus estabelecerem um diálogo maior com a área de turismo, um potencial dos museus que pode ser mais bem explorado. Nesse circuito, os guias contam as interconexões entre os locais visitados: Igreja Positivista; Museu Casa de Benjamin Constant; Palácio do Itamaraty; Praça da República; Casa de Deodoro; e Museu da República, todos intrinsecamente ligados aos primeiros anos da República.

Para aqueles que quiserem fazer o percurso por conta própria, após conhecer o Museu Casa de Benjamin Constant e seu entorno no bairro de Santa Teresa, o visitante pode ir ao bairro da Glória para ver, justamente na rua Benjamin Constant nº 74, a Igreja Positivista do Brasil (ou Templo da Humanidade). A igreja foi fundada em 11 de maio de 1881, por Miguel Lemos, e – segundo os positivistas – foi o primeiro prédio construído no mundo para difundir a Religião da Humanidade. Nesse templo cívico, além do altar-mor com a figura da Virgem-Mãe, representante da humanidade, o visitante pode ver o desenho original da bandeira positivista do Brasil, concebida por Teixeira Mendes e Décio Villares poucos dias após a mudança de regime, que vigora até hoje como símbolo nacional.

No Catete, há o Museu da República, uma das unidades do Ibram. Na época em que o Rio de Janeiro era a capital do Brasil, esse palácio – transformado em museu com a mudança da capital – foi residência presidencial oficial do país, como hoje é o Palácio da Alvorada em Brasília. Tendo forte ligação com a história republicana do país, o Museu da República tem em seu acervo obras que guardam relação com Benjamin Constant, como o quadro “A Pátria” – pintado por Pedro Bruno em 1919 – que representa uma família costurando a bandeira nacional de inspiração positivista, numa clara referência às filhas de Benjamin Constant que passaram dias costurando aquela que é considerada o primeiro exemplar em tecido da atual bandeira nacional, também em exposição nesse museu dentro de uma vitrine.

No bairro da Urca, na Avenida Pasteur, nº 350, há o Instituto Benjamin Constant, para o qual Benjamin dedicou 20 anos de trabalho. O Instituto, criado em 1854 com o nome de Imperial Instituto de Meninos Cegos, também deve a Benjamin Constant esse belo prédio, pois o positivista foi responsável pela construção da primeira etapa do prédio onde até hoje se localiza o Instituto.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Ao final da leitura, a pessoa que visita o Museu compreende por que as relações entre poder e memória são os alicerces do Museu Casa de Benjamin Constant. Quando vir novamente a bandeira do Brasil, lembrar-se-á de Benjamin Constant e de seu museu em Santa Teresa. E não apenas dele, poderá lembrar-se também dos positivistas Décio Vilares e Teixeira Mendes. Ao pensar na Proclamação da República, lembrará não somente daquele que é chamado de “o fundador”, mas também de seus estudantes anônimos, sem museus e sem placas de bronze, que o impulsionaram ao status de herói nacional. Ao ouvir o nome de Benjamin Constant, o visitante se lembrará da Guerra do Paraguai, das dificuldades financeiras enfrentadas pela maior parte da população do século XIX e das campanhas abolicionista e republicana.

Sentar-se em um banco do jardim dessa chácara, fechar os olhos e deixar a brisa das árvores refrescar o rosto é deixar-se invadir pela História. Não deixe de olhar para o céu à noite e ver as estrelas do Cruzeiro do Sul: visite, recomende e retorne outras vezes ao Museu Casa de Benjamin Constant.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas - o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTRO, Celso; LEMOS, Renato Luís do Couto. *O diário de Bernardina: da Monarquia à República, pela filha de Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CHAGAS, Mário. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2009.

LEMOS, Renato Luís do Couto. *Benjamin Constant: vida e história*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Iphan/6.SR/Casa de Benjamin Constant, 1999.

VELLOSO, Verônica; CARRILHO, Elaine. *Museu Casa de Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: Iphan, 2007.

Essa publicação foi impressa no formato 140 x 140 mm, em papel Offset 120 gr, capa em papel Duo Design 250 gr, impresso a 4/0 cores. O acabamento é dobrado, alceado, capeamento brochura colado PUR, BOPP fosco na capa, refilado. A tiragem é de 1.000 exemplares.

Endereço

Rua Monte Alegre, 255

Santa Teresa

Rio de Janeiro - RJ

Horários

Casa Histórica: Quarta a sexta, das 10h às 17h.

Sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h.

Parque: Diariamente, das 8h às 17h.

Telefone

(21) 3970-1168 / 3970-1177

museubenjaminconstant.blogspot.com

facebook.com/MuseuCasaBenjaminConstant

twitter: @Museu_BConstant

mcbc@museus.gov.br



* *
* * MUSEU
* * CASA DE
BENJAMIN
CONSTANT

ibram
instituto brasileiro de museus

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA